

IDENTIDADES ASPECTO-TEMPORAIS DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

MÁRLUCE COAN
(UFC, CNPq)

ANGELA CRISITINA DI PALMA BACK
(UNESC)

RESUMO: Considerando-se os valores temporais e aspectuais implicados no uso do pretérito imperfeito do subjuntivo em Português do Brasil, nossa proposta visa à abordagem desse tempo verbal em trezentos e cinquenta dados de fala provenientes de sessenta Entrevistas Sociolinguísticas, com informantes estratificados por sexo, idade e escolaridade. A análise pautou-se nos seguintes grupos de fatores: (i) tempo funcional (antepretérito, copretérito, pós-pretérito, presente, antefuturo ou futuro); (ii) aspecto lexical do verbo (indicativo de atividade, *accomplishment*, *achievement* ou estado) e (iii) aspecto situacional (visão perfectiva ou imperfectiva). Muito embora tenha o pretérito imperfeito do subjuntivo atuação escalar em cada domínio, codifica, predominantemente, os tempos copretérito e futuro, situações de atividade ou estado e não atualiza perfectividade/imperfectividade (neste sentido, refere-se a uma *exemplificação*, caso em que a morfologia –sse instaura um contexto temporal de futuridade, eminentemente modal).

Palavras-chave: pretérito imperfeito do subjuntivo; tempo; aspecto.

RESUMEN: Teniendo en cuenta los valores temporales y aspectuales implicados en el uso del pretérito imperfecto de subjuntivo en Portugués de Brasil, nuestra propuesta objetiva abordar ese tiempo verbal en trescientos cincuenta datos de habla provenientes de sesenta Entrevistas Sociolingüísticas, con informantes estratificados según sexo, edad y escolaridad. El análisis se guió por los siguientes factores: (i) tiempo funcional (antepretérito, copretérito, pospretérito, presente, antefuturo o futuro); (ii) aspecto léxico del verbo (actividad, realización, logro o estado) y (iii) aspecto situacional (visión perfectiva o imperfectiva). Aunque el pretérito imperfecto de subjuntivo presente actuación escalar en cada ámbito funcional, codifica, predominantemente, los tiempos copretérito y futuro, situaciones de actividad o estado y no actualiza perfectividad /imperfectividad (en este sentido, se refiere a una *ejemplificación*, caso en el que la morfología –sse instaura un contexto temporal de futuridad, eminentemente modal).

Palabras-clave: pretérito imperfecto de subjuntivo; tiempo; aspecto.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, explicitamos identidades do pretérito imperfeito do subjuntivo (doravante PIS), dado o seu caráter multifuncional, ou seja, a forma, tradicionalmente descrita como expressão de passado associado a atitudes hipotéticas e/ou incertas, é uma forma multifacetada que, a depender do contexto temporal e aspectual, assume diferentes perfis, do que decorrem diferentes identidades.

As funções desempenhadas pelo PIS ora colocam em evidência o caráter modal, ora dão margem a interpretações temporais e aspectuais. Embora as categorias tempo, aspecto e modalidade se imbriquem, essas três dimensões podem, metodologicamente, ser apreendidas com base nos contextos de realização: a) tempo (*tense*) implica, mas não exclusivamente, a experiência/conceito de Tempo como pontos numa sequência, correlacionando-se às noções de precedente e subsequente; b) aspecto envolve a noção de delimitação do período do tempo, isto é, focaliza o processo de diferentes maneiras: início, meio, fim e uma possível extensão temporal vinculada à temporalidade interna apreendida no contexto da situação; e, por fim, c) a modalidade coloca em perspectiva a atitude do falante para com o conteúdo proposicional (se certo, possível, provável, improvável, incerto). A reunião dessas três categorias exhibe um domínio funcional complexo: Tempo-Aspecto-Modalidade (TAM). Neste artigo, optamos por considerar valores temporais e aspectuais do PIS, o que de modo algum marginaliza o valor modal. Trata-se somente de opção metodológica.¹

A investigação é de natureza sincrônica e os trezentos e cinquenta dados considerados provêm do Banco Entrevistas Sociolinguísticas da UNESC (NUPESS) que tem por finalidade o registro do Português falado na área urbana de Criciúma-SC, propiciando aos pesquisadores averiguações sobre variação e mudança na realidade de fala, a exemplo do Projeto VARSUL, que abrange quatro Universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS) e visa à descrição da fala urbana da região Sul do Brasil.

A organização deste trabalho expõe, na primeira seção, a configuração temporal do PIS de acordo com registros encontrados em gramáticas; em seguida, na seção dois, analisamos o PIS em duas subseções, respectivamente, os domínios da temporalidade e da aspectualidade. Finalizamos a análise mostrando contextos nos quais o PIS atua com mais frequência, contextos que configuram as identidades aspecto-temporais básicas do PIS.

1. O PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO: CONTEXTUALIZAÇÃO

Visando a confirmar nossa hipótese acerca da multifuncionalidade do PIS, iniciamos nossa análise por algumas evidências encontradas em gramáticas. Nosso intuito, aqui, é mostrar a natureza temporal do PIS, para, então, embrenharmo-nos, nas seções que seguem, em sua configuração aspecto-temporal, configuração moldada a partir de dados empíricos atuais.

Para Eduardo Carlos Pereira (1924, p. 500), o imperfeito *designa a acção verbal não feita, inacabada; o tempo que enuncia uma acção passada quanto ao acto de palavra, é contemporâneo a um outro facto expresso. Segundo o autor, trata-se de um tempo que possui dupla relação: relaciona-se como passado ao ato da palavra, e, como presente, a um acontecimento passado*. Entre os empregos do pretérito imperfeito também se verifica, segundo o autor, o *imperfeito condicional*, conforme exemplo abaixo.

¹ Em outro artigo em construção, privilegiamos o domínio da Modalidade. Por conveniência expositiva, tratamos, agora, do PIS nos domínios Tempo e Aspecto. Ratificamos tratar-se de opção metodológica, visto serem as categorias Tempo-Aspecto-Modalidade interconectadas.

- (1) Se elle VIESSE, eu **sahia** (sahiria).

Antenor Nascentes (1960, p. 69) observa que o imperfeito indica uma ação pretérita e que sua diferença com relação ao pretérito perfeito diz respeito ao Aspecto, porque pode *designar uma ação habitual no passado* ou, ainda, *uma ação começada no passado e continuada até o presente*. Embora os exemplos do autor sejam formas do imperfeito do indicativo, fica evidente que a caracterização do imperfeito vale para os dois modos (indicativo, subjuntivo).

Conforme Cunha & Cintra (1979, p. 462-463), além da cotemporalidade passada atribuída ao PIS, é possível evidenciar valores temporais de futuro e de presente, conforme exemplos a seguir:

- (2) de futuro: Alberto era inteligente e se não DEIXASSE engazupar, talvez aquilo até lhe FOSSE um bem... (Ferreira de Castro, OC, I, 87).
- (3) de presente: TIVESSES coração, terias tudo. (Guimarães Passos, VS, 166).

Reconhecendo a multifuncionalidade do PIS, afirmam os autores que as formas do subjuntivo:

[...] enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade. (p. 439)

Para Napoleão Mendes de Almeida (1989), o imperfeito caracteriza a ação que é ao mesmo tempo passada com relação ao momento de fala e presente com relação a outra ação verbal no passado; presta-se à expressão de orações condicionais em que a hipótese é possível ou irreal, ou, ainda, que seu uso, em certos casos, é elegantemente substituído pelo mais que perfeito do indicativo (ALMEIDA, 1989, p. 226).

- (4) Estivera (=ESTIVESSE) eu presente, que tal coisa não teria acontecido.

Já Bechara (2004) chama a atenção do leitor para outras funções do imperfeito, como as de marcar certeza (conforme exemplo 5) e polidez (conforme exemplo 6).

- (5) Eu QUERIA pedir-lhe um favor.
- (6) Se SOUBESSE, te dava a resposta.

Alerta o autor que,

Nem sempre, como geralmente se supõe, o inatural com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais. (BECHARA, 2004, p. 214)

Essa breve revisão da literatura gramatical mostra que o PIS não está atrelado exclusivamente ao tempo ou ao aspecto ou à modalidade, embora um ou outro uso ganhe mais destaque na exposição gramatical. O PIS é uma forma multifacetada, evidenciando, pelo que supomos, a depender do contexto, uma ou outra categoria. É com base nessa premissa que analisaremos suas identidades, percorrendo, a seguir, separadamente, os domínios da temporalidade e da aspectualidade.

2.A(S) IDENTIDADE(S) DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Embora os domínios da temporalidade e da aspectualidade estejam imbricados, se observada a realidade linguística, os desdobramentos aqui propostos estão assentados em duas premissas: uma de natureza didática (por conveniência expositiva, conforme Givón (1984), separam-se as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade, pois são, sincronica e diacronicamente interconectadas) e outra de natureza evidencial (embora Tempo-Aspecto-Modalidade sejam categorias interconectadas, o indivíduo, por razões pragmáticas, parece privilegiar uma ou outra, a depender do contexto).

Trezentos e cinquenta (350) foram os dados considerados na investigação, os quais são parte integrante do *corpus* do banco de dados *Entrevistas Sociolinguísticas da UNESC* (Universidade do Extremo Sul Catarinense), idealizado nos mesmos moldes do VARSUL², que tem como objetivo subsidiar a investigação e descrição de fenômenos de variação e mudança nas comunidades do Extremo Sul Catarinense. O *corpus* compõe-se de sessenta entrevistas sociolinguísticas realizadas no município de Criciúma/SC, em 2001 (ano da coleta), com informantes da área urbana, distribuídos de forma homogênea em relação às células sociais: sexo, idade e escolaridade, conforme o quadro 01 adiante.

Alguns cuidados foram tomados pelos membros do grupo de pesquisa *Entrevistas Sociolinguísticas da UNESC* com o intuito de assegurar, na medida do possível, a naturalidade do informante, apesar da interferência potencial em função da presença do entrevistador com seu gravador, que pode afetar a espontaneidade do informante, interferindo na obtenção do vernáculo (discurso produzido com o mínimo de atenção dispensada à fala) – o que é conhecido na literatura sociolinguística como o “paradoxo do observador” (LABOV, 1972).

A entrevista realizou-se em locais ligados à afeição e confiança do informante e foi marcada antecipadamente. A prática ainda privilegiou assuntos que permitissem ao entrevistado ficar à vontade para falar a maior parte do tempo, produzindo um discurso variado³. Eis as células sociais:

² Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – Projeto interinstitucional que agrega as seguintes Universidades: UFPR, UFSC, UFRGS e PUC-RS.

³ Esses cuidados, mencionados aqui, apenas indicam parte de todos os encaminhamentos metodológicos tomados pelo grupo, para se garantir a fala espontânea do entrevistado.

Idade										
- de 7 anos ⁴		7 a 14 anos			15-24 anos		25-49 anos		+ de 50 anos	
Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
2	2	2	2	Primário	2	2	2	2	2	2
2	2	2	2	Ginasial	2	2	2	2	2	2
2	2	2	2	Colegial	2	2	2	2	2	2

Quadro 01: Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais

As entrevistas encontram-se devidamente transcritas e revisadas. A seleção da amostra consistiu, então, na identificação dos contextos que apresentam dados da forma verbal –sse, visando ao mapeamento funcional do PIS.

2.1. A(s) Identidade(s) do PIS no Domínio da Temporalidade

No domínio da temporalidade, o PIS codifica, conforme tabela abaixo, antepretérito, copretérito, pós-pretérito, presente, antefuturo e futuro.

TEMPO	Aplicação/Total/%
Copretérito	137/350/42
Futuro	94/350/28
Pós-pretérito	55/350/17
Presente	45/350/7
Antepretérito	13/350/5
Antefuturo	6/350/1

Tabela 01: Tempo Funcional do PIS

O mapeamento da temporalidade registrado para o PIS recobre os três eixos temporais (passado, presente e futuro), captando nuances diferenciadas no âmbito de cada tempo e evocando para essa interpretação as noções de anterioridade, posterioridade e cotemporalidade em relação a um ponto de referência (nos termos de Coan (2003), uma situação de ordem semântica ou pragmática a qual uma outra situação está vinculada).

A tabela 01 aponta para a prevalência do copretérito (42%), seguido do futuro (28%) e pós-pretérito (17%), conforme exemplos (7), (8) e (9), respectivamente. Hipoteticamente, o PIS tenderia a se apresentar com um conglomerado de traços expressos como [futuro, habitual, não-fato]. Percebemos, no entanto, que o copretérito não os possui, pelo menos não em sua totalidade, mas se mostra como a função temporal mais recorrente associada aos usos PIS. O copretérito tem o que Gorski *et al.* (2002, p. 226) percebem como *o tempo verbal que codifica uma situação passada em relação ao momento de fala e cotemporal a outra situação*

⁴ Destaca-se que houve concentração em idades específicas: por exemplo 5-6 anos para a primeira faixa etária (- de 7 anos) e 10-11 anos para a segunda (7 a 14 anos).

também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência. A expressão de futuro requer destaque no sentido de conter, em termos de temporalidade, um dos traços tidos por Givón como inerentes ao PIS: [futuro]. Talvez isso possa estar associado à segunda maior frequência (28%). Nesse contexto de futuridade, configura-se mais um indício da não-discretude do sistema temporal representado pelo PIS. A terceira função mapeada diz respeito ao pós-pretérito (17%), no qual também se constata o traço de futuridade, pois possui a propriedade temporal de passado com relação ao momento em que se fala, mas de futuro a outra situação no passado.

- (7) [...] lá ela tinha mania de ler como ela gostava de interpretar, então ela não *entendia* a letra e <interpreta-> ela *falava* a besteira que QUISESSE. (sccri03, p. 11)
- (8) E *Se tu ganhasse um premio na mega sena? (risos F)
[...]
F *A, ia pegaØ uma turma de amigos, ia escolheØ os meus amigoØ, ia fazeØ uma volta ao mundo, ia viveØ só de verão, praia e praia, onde TIVESSE verão e praia, cerveja e mulheØ, só festa, resumindo *ia viveØ* de festa, de repente eu morreria cedo, de tanta festa, mas ia (inint). (SCCRI18, p. 015)
- (9) *Então aquele jogo foi emocionante, foi sofrido, porque a gente *esperava* que a qualquer hora os atacantes do Grêmio FIZESSE um gol e ACABASSE aquele sonho ali, né? *Foi o jogo mais emocionante, foi o Criciúma e Grêmio pela Copa Brasil. (est) (SCCRI03,p.53)

Quanto à expressão do *presente* (7%), com em (10), emergem situações que exigem olhares diferenciados, dado seu caráter não discreto; são situações que mais parecem estendidas do passado ao presente.

- (10) F-Amigo? *É* aqueles amigos que eu te falei, né?Que [no]-na verdade não *são*, né?
Que se FOSSE, não *oferecia*. (SCCRI14, p. 016)

Outro valor temporal que também constatamos e de cujo registro já havia indícios históricos, foi o de *antepretérito*, com 5% de frequência. O registro histórico que abriu as portas para que aventássemos a possibilidade de encontrar essa função temporal em nossa amostra foi uma ocorrência extraída de uma peça de teatro de Anchieta, do século XVI, na qual a forma do pretérito mais-que-perfeito pode intercambiar-se com o PIS:

- (11) Ó que seda e que brocado / perdeste, pobre moleiro, / em perder teu domingueiro! / Se QUISERAS moer trigo / do divino mandamento, / dentro em teu entendimento, / não passaras tal perigo / Pois quiseste ser amigo / de ladrão tão sorrateiro... (ANCHIETA, 1977, p.118).

A interpretação de (11) se apresenta como mais uma função de tempo atestada para o PIS não só historicamente, mas também no *corpus* sincrônico, conforme (12), ratificando o mapeamento proposto até aqui.

- (12) F *EØ quando tinha um incêndio, todo mundo tinha que parar o que estava fazendo. *[Ia] ia ajudar no incêndio, se alguém não PARASSE, ia pra cadeia, pagava multa [...]. (SCCRI06, p. 21)

Por fim, o antefuturo se colocou como inesperado, com 1%, mais especificamente, 6 dados do total de 350. Para interpretar a ocorrência a seguir, tomasse a pergunta do entrevistador como referência secundária que coloca, necessariamente, a resposta do entrevistado no futuro. Nesse eixo do futuro, o PIS passa a se relacionar com outro tempo, colocando-se como anterior a ele.

- (13) E *É não é fácil né? *Em questão assim o que que tu achas que deveria ser feito pra acabar com essa violência?

F *Ah cada um que APRONTASSE *tinha que matar* mesmo (risos) [não]-não é, roubar morre, matou, morre, não tem – *É essas galeras aí ó, se cada veØz que um ir, matar, porque eles andam matando muita gente aí ó, se cada um que mata aí ó, dessas galeras, pegar e matar um deles vai se acabando isso aí, eu conheço um cara que já matou, trêØs dos carroceiros, [ele era]- ele era polícia, matou trêØs, ele falou pra mim que pretende matar mais até acabar. (SCCRI25, p. 020)

Considerando o domínio da temporalidade, vimos que, muitas vezes, o que fica em evidência são traços ligados à modalidade, da qual certamente emergem novas funções. Para o momento, diante do mapeamento que se nos apresentou, podemos apreender a escala da temporalidade, por meio do esquema seguinte:

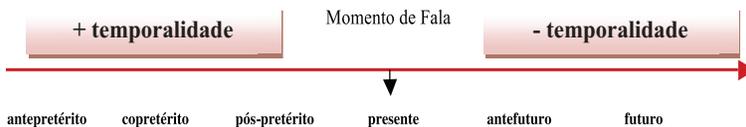


Figura 01: Escala de temporalidade atestada para o PIS

As ocorrências analisadas em nossa amostra, em consonância com a bibliografia da área, atestam como funções temporais prototípicas, portanto não-marcadas (mais frequentes)⁵, o *copretérito* e o *futuro*, incluídos aí seus desdobramentos. Segundo Givón (2001), em se tratando de modalidade *irrealis*, modais, tempo futuro e negações não servem como núcleos temporais. Essa consideração do autor parte do posto de que há menor saliência cognitiva, pois “eventos que aconteceram ou estão acontecendo, muito provavelmente, afetam mais a vida das pessoas do que possíveis eventos futuros”. (GIVÓN, 1990, p. 964). Do mesmo modo, Lyons (1977) também sugere que o futuro não é um conceito temporal puro, pois ele, necessariamente, inclui um elemento de predição.

⁵ Givón (1990, p. 247) apresenta três critérios para distinguir a categoria marcada da não-marcada, quais sejam: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva. Nesse caso, em específico, consideramos o critério de distribuição de frequência, segundo o qual a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto cognitivamente mais saliente, do que aquela não-marcada.

2.2. A(s) Identidade(s) do PIS no Domínio da Aspectualidade

No domínio da aspectualidade, consideramos Aspecto em duas perspectivas: tipo de situação e visão da situação codificada pelo PIS⁶. Para tratar do Aspecto da situação, mobilizamos a proposta de Vendler (1947), que lida com aspecto lexical considerando os verbos como: *Atividades* → ‘A’ estava correndo no tempo *t* significa que o instante de tempo *t* está sobre um tempo estendido por toda parte em que *A* esteve correndo (conforme exemplo 14); *Accomplishments* → ‘A’ estava desenhando um círculo no tempo *t* significa que *t* está no tempo estendido no qual *A* desenhou (fechou) aquele círculo (conforme exemplo 15); *Achievements* → ‘A’ ganhou uma corrida entre t_1 e t_2 significa que o instante de tempo no qual *A* venceu aquela corrida está entre t_1 e t_2 (conforme exemplo 16) e *Estado* → ‘A’ ama alguém de t_1 e t_2 significa que em qualquer instante entre t_1 e t_2 , *A* amou essa pessoa (conforme exemplo 17).

- (14) F* E outra coisa que eu gosto muito é o churrasco [...] maØs eu sou diabético, então eu não tomo muito, [tomo]- tomo aquele pouquinho. *Agora de viajar eu, se a minha esposa Ø [me]- (hes) me ACOMPANHASSE, que ela não gosta, ela vai, porque é minha esposa, maØs se a minha esposa me ACOMPANHASSE, eu estava sempre viajando. (SCCRI05, p. 05)
- (15) [...] *Uma comida que a sua mãe fazia que o senhor gostava?
F* Comida que ela fazia que eu gostava? *Bem, acho que era mais dizer o que ela Ø fazia que eu não gostava. (risos E) *Eu não, eu era muito enjoado pra comida [...] se ela FIZESSE carne ensopada, ela tinha que fazer um bife pra mim separado, porque eu não comia carne ensopada, se ela fazia peixe, tinha que fazer carne pra mim. [...] [SCCRI03, p. 19]
- (16) E- Aí tem, não sei quantos metros de fundura ali, né? Aí, na época a gente levava almoço, e aí uma veØz eu fui com a mãe, e aí a mãe, nóØs descemo e aí ele só vem com aquela lanterninha aqui na testa, saindo lá debaixo daquele breu lá, bem escuro mesmo, isso onze horas da manhã, né? Uma escuridão total.
E- E não te deu medo?
F- Claro que deu! Magina, ui - Se aquela <maderama> ali se DESPENCASSE, Deus me livre. (SC19CRI, p. 15)
- (17) *Aí o Agenor um dia assim pra mim: “*Porra! Eu poderia estar bem, se eu VIVESSE mais em casa, com a família e com a minha mulher, o dinheiro que eu gastei –”. (SCCRI01, p. 03)

Nossos resultados estão descritos na tabela 2, que coloca em evidência as situações que se caracterizam como *estado* (44%) e *atividade* (32%), justamente os fatores que podem projetar extensão temporal, em oposição àqueles que não

⁶ Embora recorramos a Vendler para categorizar tipo de situação e a Givón para tratar de visão da situação, estamos bem longe de esgotar a discussão. Há muitos autores de tratam do tema Aspecto em Português, dentre os quais citamos alguns: Soares (1987), Costa (1990), Godoi (1992), Coan (2003), Wachowicz (2003) e Freitag (2007).

necessariamente tendem a fazê-lo, cujos percentuais são 16% (para *achievement*) e 7% (para *accomplishment*). Para interpretar esses resultados, devemos considerar a manifestação escalar da aspectualidade (em termos de extensão temporal projetada pelo verbo no contexto).

FATORES	Aplicação/Total/%
Estado	155/350/44,3
Atividade	112/350/32,0
<i>Achievement</i>	57/350/16,3
<i>Accomplishment</i>	26/350/7,4

Tabela 02: Aspecto da situação e uso do PIS

Seguindo nossa empreitada de configuração identitária do PIS, passemos à análise do Aspecto como visão da situação que parte das noções de perfectivo *versus* imperfectivo, considerando que, ao longo desses dois pólos, há também uma escalaridade. Em linhas gerais, com base em Givón (2001; 2005), quando a situação é percebida como se estivesse longe/distante, como um objeto pequeno, compacto e bem delimitado, a interpretação é perfectiva; se percebida como próxima, duradoura, ilimitada, é vista imperfectivamente. No caso do PIS, podemos ser induzidos, em função da metalinguagem, a uma interpretação voltada unicamente ao imperfectivo, o que nem sempre ocorre. Travaglia (1981, p. 163), por exemplo, afirma que *a presença de algumas modalidades [...] restringe a atualização do aspecto, enfraquecendo as noções aspectuais (o que dificulta a percepção) ou anulando-as*. No caso específico do PIS, ainda segundo o autor, quando representa tempo passado ou presente, pode atualizar aspecto (via de regra, o imperfectivo), atualização descartada quando o PIS está associado a contextos de futuridade. Vejamos um caso de visão perfectiva:

(18) E- Tu não torce pro Criciúma?

F- Não, torço. (risos geral) é um time, não o time do Criciúma, não, não é um time, tá começando, né? Teve [a]-o único time de Santa Catarina que tem uma copa do Brasil, são eles, tá bom. MaOs só que falta muito pra melhoraØ. Eles não têm um patrocínio, não têm um bom investimento. O único jogador eles queriu vende. Era o Maico Librelato. Se eles TIVESSE vendido, seria uma lastima, porque é o único que <com-> é, completa o time. (est) Tanto é que a vitória que ele teve ontem, um a zero foi gol dele. [...] (SCCRI16, p.)

Nesse exemplo, em que o –sse compõe o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo (tivesse vendido) – uma das funções do PIS em se tratando de expressar a função temporal de passado do passado, a *visão da situação* se enquadra como perfectiva em função de sua delimitação, fechamento, compactação (*não venderam o jogador*).

Os usos do PIS, nessa perspectiva de visão da situação, podem ser constatados por meio da tabela a seguir e dos exemplos 19 a 22.

FATORES	Aplicação/Total/%
Não-atualização da perfectividade ⁷	214/350/61,1
Imperfectivo	113/350/32,3
Perfectivo 2 ⁸	17/350/4,9
Perfectivo 1	6/350/1,7

Tabela 03: Visão da situação e uso do PIS

De acordo com a tabela acima, 61,1% das ocorrências não atualizam perfectividade, e, em situação oposta, quase 7% atualizam algum tipo de perfectivo. Além da constatação de que o PIS também é perfectivo, a tabela 3 apresenta uma distribuição de frequência que vai num crescente, saindo do *perfectivo 1* com 1,7% de frequência, passando pelo *perfectivo 2* com 4,9% e *imperfectivo* com 32,3%, até estarmos diante de *não-atualização da perfectividade* com os 61,1%. Esses resultados evidenciam que é possível pensarmos em um continuum de aspectualidade.

A ocorrência (19) caracteriza-se por não atualizar aspecto, pois remete a uma *exemplificação*, criando um episódio “possível” (que se estrutura como uma situação micro) dentro de um tópico discursivo “real”. O informante fala acerca do seu trabalho focalizando o elevador (tópico discursivo do mundo real), mas para ilustrar a situação relatada, ele cria um episódio possível, com as características mínimas de uma narrativa. Ora, isso nada mais é do que modalidade, não há extensão temporal, portanto a morfologia –sse, nesse caso, não está a serviço do aspecto imperfectivo (como a metalinguagem do PIS sugere) ou focalizando duração. Outro detalhe é que, considerando o aspecto lexical de *achievement* em ‘quebrasse’, se somássemos aí extensão temporal, o esperado seria a interpretação de iteratividade, o que não se observa. O PIS, em (19), parece eminentemente modal, pois nada tem de imperfectivo. Em casos como esse, o PIS não atualiza aspecto, pois instaura um contexto temporal de futuridade (cf. TRAVAGLIA, 1981).⁹

- (19) F* Ah! *Antigamente, [...] eles já tinham elevador, esse sistema ele era do tempo que eles fizeram os poços [...] *E também tinha a escadaria pra descer. (est) *Que se por exemplo QUEBRASSE a gaiola, desse um problema no cabo qualquer coisa, né? *De necessidade, tal, tal então tinha a escadaria que rodava assim, é tipo um prédio, né? *Que subia pela escadaria, também, mesma coisa. (SCCRI01, p. 15)

⁷ Considerando-se a imbricação das categorias tempo-aspecto-modalidade e o fato de os dados colocarem em evidência ora uma categoria, ora outra, a não-atualização da perfectividade caracteriza dados em que o PIS não marca/salienta o Aspecto.

⁸ Caracterizamos as situações perfectivas como 1 (em que o PIS acoplado a um participio codifica uma situação delimitada/compacta) e como 2 (em que a situação delimitada/compacta é pressuposta). Os exemplos 21 (perfectivo 2) e 22 (perfectivo 1) ilustram essa tipologia.

⁹ Embora o contexto de futuridade ganhe relevância, é parcialmente diferente do que foi abordado no exemplo 12. Neste, o PIS é um antepretérito em relação a “ia”. Em 19, o PIS instaura um contexto de futuridade, ilustrativo, mas “tinha” não é futuro em relação a “quebrasse”.

A interpretação de (20) diz respeito ao que poderíamos chamar de *habitualidade*, em termos de extensão temporal, por recobrir uma situação que se repete em diferentes ocasiões (cf. FREITAG, 2007), o que é reforçado pela expressão *ela tinha a mania de ler*, com valor próximo de *sempre*. De qualquer forma, todo o contexto discursivo expõe uma sequência caracterizada pela imperfectividade, na qual se observa extensão temporal: *tinha uma que era, tinha a mania de ler, gostava de interpretar, não entendia a letra, falava*, o que acaba também por ser atestado em *quisesse*. Diante disso, a pergunta que podemos formular é: a extensão temporal do PIS, nessa situação, bem como o aspecto lexical inerente do verbo *querer*, se sobrepõe à carga modal do subjuntivo? O fato é que o exercício de análise dos dados encerra incertezas.

- (20) F* Bem, eu não gostei, agora [não]- não me recordo o nome dela [...] era da família do, como posso dizer aqui, os morenos aqui da Operária Velha, todas elas são professoras, elas já são antigas, (est) e tinha uma que era muito debochada, né? *E Ø redação lá ela tinha mania de ler como ela gostava de interpretar, então ela não entendia a letra <interpreta-> ela falava a besteira que QUISESSE. (SCCRI03, p. 005)

Todo o contexto descrito em (21) atesta o valor temporal de passado cuja asserção negativa [...] *se não levasse* equivale, discursivamente, no nível da pressuposição, a *levou*; portanto, há aí uma atualização de aspecto perfectivo (o que nomeamos de perfectivo 2, dada a interpretação perfectiva do pressuposto). Em suma, a presença de negação não altera o valor factual do enunciado. Pelo contrário, assevera esse valor, sobretudo diante do tópico discursivo que dá suporte à análise.

- (21) F* [...] *Aí eu estava dizendo pra eles se vocês vissem como morriam crianças, que agora é difícil ver <mor-> bom, aqui mesmo eu não vejo morrer crianças graças a Deus, né? [...] Aí o meu irmão ficou muito doente de noite, febre, ruim, sabe o que ela fez? *Ela pegou ele, enrolou ele bem enrolado, botou ele nas costas e veio, lá da Próspera a pé até o centro. [...] e chamou o médico pra atender o guri, porque estava ruim, aí ele atendeu lá mesmo, atendeu lá, deu a receita, ela foi embora, aí deu medicamento meu irmão melhorou, mas ela levou nas costas.
E* Imagina!
F* Então se não LEVASSE, de certo era mais um que morreria, né? (SCCRI07, p. 004 e 005)

Por fim, em (22), há –sse agregado ao particípio *vendido*, o que implica a visão da situação como perfectiva em função de sua delimitação, fechamento, compactação – o que nomeamos de perfectivo 1.

- (22) E- Tu não torce pro Criciúma?
F- Não, torço. (risos geral) é um time, não o time do Criciúma, não, não é um time, tá começando, né? Teve [a]-o único time de Santa Catarina que tem uma copa do Brasil, são eles, tá bom. MaØs só que falta muito pra melhoraØ. Eles não têm um patrocínio, não têm um bom investimento. O único jogador eles queriu vende. Era o Maico Librelato. Se eles TIVESSE vendido, seria uma lastima, porque é o único que <com-> é, completa o time. (est) Tanto é que a vitória que ele teve ontem, um a zero foi gol dele. [...] (SCCRI16, p.)

Além da constatação de que o PIS também é perfectivo, a tabela 3 apresenta uma distribuição de frequência escalar (o que se pode conferir, também, na figura abaixo), ou seja, da não-atualização aspectual à atualização da perfectividade, passando pela imperfectividade.



Figura 02: Escala de perfectividade/imperfectividade do PIS

Analisar as ocorrências sob o prisma aspectual não é tarefa fácil, haja vista a proximidade que há entre ‘imperfectividade’ e ‘não-atualização da perfectividade’. O fato é que devemos nos ater eminentemente à conceptualização de Givón (2001; 2005) sobre lente, de modo que, em vários casos, dada a impossibilidade de enquadramento na tipologia proposta pelo autor, assumimos a perspectiva de Travaglia (1981) no que concerne à não-atualização da perfectividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão que se apresentou contribuiu para explicitarmos as identidades não-discretas que emergem do PIS, dado o seu caráter multifuncional, lembrando que a apreensão dessas identidades demandou um cerco metodológico que privilegiasse a escalaridade tanto quanto foi possível nos domínios do Tempo e do Aspecto.

Cada um dos domínios foi investigado de modo a se estabelecerem elementos que nos permitissem vislumbrar funções/significados que a forma codifica na língua falada atual, para evidenciar quais dessas funções poderiam ser eleitas como prototípicas na amostra investigada. A resposta a essas questões acabou por delinear perfis do PIS, descortinando identidades funcionais para a forma verbal *-sse*. Muito embora tenha o PIS atuação escalar em cada domínio, conforme vimos nas seções anteriores, ocorre, predominantemente, nos seguintes contextos:

Domínios	Variáveis	Identidades
Temporalidade	Tempo funcional	1a. : Copretérito 2a.: Futuro
Aspectualidade	Aspecto da situação	1a.: Situação + durativa (estado) 2a.: Situação – durativa (atividade) da perfectividade
	Visão da situação	1a.: Não-atualização 2a.: Visão imperfectiva

Quadro 02: Identidades prototípicas do PIS

Os contextos acima descritos caracterizam-se como não-marcados para uso do PIS, em função de os resultados de nossa amostra assim o evidenciarem. Vale dizer que a categoria não-marcada envolve critérios não só ligados à distribuição de frequência, mas também à complexidade estrutural e cognitiva (GIVÓN, 1990, 2001). Contudo, neste momento, o que delineamos foi pautado no critério da frequência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1989.
- ANCHIETA, José. *Teatro de Anchieta*. Tradução, introdução e notas de Armando Cardoso. Vol. 3. São Paulo: Loyola, 1977.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Editora Lucerna, 2004.
- COAN, Márluce. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (3 ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1979).
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2007.
- GIVÓN, Talmy. *Context as Other Minds: The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2005.
- GIVÓN, *Syntax*, vol. I, II Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2001a.
- GIVÓN, *Syntax - A functional - typological introduction*. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1990.
- GIVÓN, *A functional-typological introduction*. Vol.1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984.
- GODOI, Elena. *Aspecto do aspecto*. 1992. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- GORSKI, Edair M.; GIBBON, Adriana; COAN, Márluce; PIMPÃO, Tatiana; SILVA, Teresa. *Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis*. IN: Paulino Vandresen (org.). *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. (p. 217-268)
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica. Brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- LABOV, *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972 b.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NASCENTES, Antenor. *O Idioma Nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & cia, 1924.

SOARES, Maria Aparecida B. Pereira. *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Rio de Janeiro: PROED da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português – a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.

VENDLER, Zeno. *Verbs and Times*. Linguistics and Philosophy. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1974 (1967).

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.